



## **Educação do campo e os povos tradicionais** *Rural education and traditional peoples*

SOUSA, Eutêmia Soares de<sup>1</sup>; COUTINHO, Célio Ribeiro<sup>2</sup>, CAVALCANTE, Deiziane Lima<sup>3</sup>, ALENCAR, Benedito Montenegro<sup>4</sup>, SILVA, Thais Gabrielly Maria<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará, eutemia.soares@aluno.uece.br; <sup>2</sup> Universidade Estadual do Ceará, celio.coutinho@uece.br; <sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, e-mail: deiziane.lima@ufrpe.br; <sup>4</sup> Faculdade de Educação de Itapipoca/FACEDI, Universidade Estadual do Ceará/UECE, e-mail: benedito.alencar@uece.br; <sup>5</sup> Universidade Estadual do Ceará, e-mail: thaisinha.gabrielly@aluno.uece.br

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Educação em Agroecologia**

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo analisar as contribuições da educação do campo como instrumento de emancipação dos povos do campo, na perspectiva da agroecologia, no enfrentamento do projeto do agronegócio. O que possibilitou desenvolver um arcabouço de conhecimento sobre a importância de um processo educacional que tenha uma perspectiva de valorização dos saberes acumulados pelos povos tradicionais, o qual foram adquiridos em contato com a terra, com suas raízes, como também dando ênfase para aspectos que corroboram para a construção de um saber no qual envolve a luta pela democratização do acesso à terra, a resistência e a autonomia dos camponeses contra a alienação imposta por um padrão de produção agrícola capitalista.

**Palavras-chave:** saber popular; agronegócio; autonomia; povos do campo

#### **Introdução**

O presente trabalho foi elaborado no ano de 2023, em meio às inquietações geradas na disciplina de “Agroecologia, Campesinato e Educação” e as discussões no Laboratório Universitário em Educação Popular, Trabalho e Movimentos Sociais (Lutemos) da Faculdade de Educação de Itapipoca (Facedi), Universidade Estadual do Ceará (UECE).

A necessidade de se construir um modelo de educação voltado para aqueles que vivem do/no campo é algo indiscutivelmente necessário. Ao perceber a importância e o peso de um processo educativo que valorize os costumes, o território e as experiências oriundas do seu lugar de origem. Os povos tradicionais, por meio de suas organizações e movimentos sociais, lutam por políticas públicas de educação, que se articule com a questão agrária, e que compreenda a relevância da síntese entre o saber popular e o saber científico. A ciência não deve ser compreendida como um conhecimento superior aos saberes populares, mas como mais uma fonte de saberes. Esses saberes têm como princípio a transformação social e trazem percepções e interpretações diferentes e que devem, ambos, colaborar com o conhecimento e compreensão da realidade.

A educação do campo poderá proporcionar aos filhos da classe trabalhadora (do campo) um conhecimento sistematizado, sem que para isso seja preciso sair do



lugar em que vivem, como muitos que acabam tendo de se submeter a esse fenômeno: “quem ia estudar na cidade não voltava para o campo. E o que aprendia não servia para a vida no campo” (CHRISTÓFFOLI, 2006, p. 98). A educação do campo é pensada sob uma nova perspectiva, da sobrevivência/permanência dos povos do campo, ao mesmo tempo, da desarticulação do projeto do agronegócio, pois de acordo com Fernandes e Molina (2004)

Os povos do campo e da floresta têm como base de sua existência o território, onde reproduzem as relações sociais que caracterizam suas identidades e que possibilitam a permanência na terra. E nestes grupos há forte centralidade da família na organização não só das relações produtivas, mas da cultura, do modo de vida. Esses grupos sociais, para se fortalecerem, necessitam de projetos políticos próprios de desenvolvimento socioeconômico, cultural e ambiental. E a educação é parte essencial desse processo. Por meio da educação acontece o processo de construção do conhecimento, da pesquisa necessária para a proposição de projetos de desenvolvimento. Produzir seu espaço significa construir o seu próprio pensamento. E isso só é possível com uma educação voltada para os seus interesses, suas necessidades, suas identidades, aspectos não considerados pelo paradigma da educação rural (FERNANDES; MOLINA, 2004, p. 36).

A educação do campo inclui a conscientização dos povos do campo sobre a questão da alienação do trabalho, que é imposta como mecanismo de exploração da força de trabalho do campo, que o separa do fruto gerado pelo seu próprio trabalho. O produto do trabalho é apropriado pelas mãos daqueles que detém o poder econômico (os proprietários privados da terra), ou seja, o modelo da ordem capitalista. Esse processo de educação do campo discute o contexto da reforma agrária; o cuidado com o solo; a contradição entre agricultura agroecológica e agronegócio e o respeito à natureza.

Com base nessa discussão foi possível chegar ao seguinte problema: como a educação do campo poderá contribuir com o processo de emancipação humana dos povos do campo? Essa pesquisa tem como objetivo analisar as contribuições da educação do campo como instrumento de emancipação humana dos povos do campo, na perspectiva da agroecologia.

## **Metodologia**

O método utilizado foi o materialismo histórico-dialético, que discute a realidade de acordo com as mudanças históricas da sociedade e que conforme Semeraro (2011) está

Impregnado de atividade humana, fermentado pela subjetividade dos homens reais, que geram processos históricos e processos políticos, em que as contradições, os conflitos e a iniciativa de forças contrapostas (a ação do negativo) deixam abertas diferentes oportunidades. (SEMERARO, 2011, p. 119).



A pesquisa elaborada em 2023 é de caráter qualitativo e do tipo bibliográfica, que segundo Gil (2002, p. 44) “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Para o embasamento teórico foram utilizadas como fontes de pesquisa Levins e Lewontin (2022), Dias, et al. (2021), Caldart (2012), Christófoli (2006) e Fernandes e Molina (2004).

## Resultados e Discussão

A Educação do campo assegura em sua perspectiva o cuidado com a formação dos povos do campo, que vivem ameaçados pelos planos de destruição da natureza, de seus costumes, de suas experiências e de apropriação/expropriação de suas terras. Os povos do campo são pressionados pela agricultura capitalista, que tem como meta os lucros, a partir do uso dos espaços do campo para a produção de monocultura, utilizando-se de maquinários pesados e outras inovações tecnológicas (adubos químicos e agrotóxicos) para tal finalidade, sem pensar nas graves consequências que isso poderá trazer para a saúde do planeta e dos povos que o habitam. A violência contra estes povos é controlada pelo projeto do agronegócio, que tem na atividade agrícola mais uma fonte de valorização do capital. O agronegócio é o conceito usado no mundo dos negócios agrícolas para tratar das “relações econômicas (mercantis, financeiras e tecnológicas) entre o setor agropecuário [...] e aqueles situados na esfera industrial, comercial e de serviço” (LEITE; MEDEIROS, 2012, p. 81).

As práticas agroecológicas estão sendo desenvolvidas no contexto da educação do campo em razão da agroecologia se constituir a partir de um modelo de agricultura saudável e limpo, que são executadas por mulheres e homens do campo e exigem toda uma preparação e cuidado ao fazer o manejo da terra para tal prática. Essas práticas são necessárias para manter a saúde da terra e colher alimentos de qualidade. Funciona como uma espécie de troca com a natureza, enquanto os camponeses cuidam do solo, retirando apenas o essencial, no caso os cereais, frutas, legumes, hortaliças etc., respeitando o ciclo de “cicatrização” da terra utilizada. A terra, por sua vez, fornece ao ser humano o que há de melhor para suprir as necessidades de segurança alimentar e nutricional para um bom funcionamento do corpo e da mente. Esse procedimento envolve os saberes dos povos tradicionais, ou seja, a educação do campo. Sobre isso é possível afirmar que

A agroecologia compõe nossa concepção de Educação do Campo [...] Agricultura é cultivo da terra para a produção de alimentos que são portadores de vida e a preservam. Vida humana e vida da natureza da qual o ser humano é parte. Cultivo da terra que é também cultivo do modo de ser de quem o pratica [...] A agroecologia nasceu junto ao avanço do capital sobre a agricultura; como crítica à forma de desenvolvimento tecnológico que subordina a produção agrícola à lógica do negócio, do lucro imediato, que justifica a depredação da natureza e a artificialização insana dos processos produtivos. Uma lógica que degenera a agricultura, mas é necessária à reprodução do capital por meio dela. (CALDART, 2021, p. 357).



Os sujeitos mais importantes e que fazem da agroecologia uma prática de sua vivência, conforme o dicionário da educação do campo, são “os camponeses e camponesas (em sentido amplo) e povos originários, tomados enquanto classe social em luta” (GUHUR; SILVA, 2021, p.60). Tais práticas são adquiridas com uma educação que fomenta a humanização e autonomia das camponesas e camponeses, que lhes permitem enxergar seu território para além de um lugar simplório, sem importância, visto que é onde suas raízes e de seus familiares estão fincadas, e o que está em julgo é a questão de sobrevivência da sua cultura, da preservação do modo de viver, sendo imprescindível a permanência no lugar de origem para existir e resistir.

O movimento Por uma Educação do Campo [...] concebe o campo como espaço de vida e resistência, onde camponeses, lutam por acesso e permanência na terra e para edificar e garantir um *modus vivendi* que respeite as diferenças quanto a relação com a natureza, o trabalho, a cultura e suas relações sociais. (FERNANDES; MOLINA, 2004, p.37).

Ao contrário dessa relação de respeito (entre ser humano e natureza) que é defendida e praticada pela educação do campo, a visão dos produtores capitalistas é de uma relação predatória com a natureza, já que o único intuito é usá-la a seu favor, extraindo dela o máximo que puder de suas riquezas. São esses empresários do campo que usam modernas tecnologias e ultrapassam os limites das leis da natureza e da vida.

Uma das implicações da matriz tecnológicas e de produção do modo capitalista de fazer a agricultura é a degradação ambiental e das pessoas, além da indiferença perante os interesses mais gerais da população, como os de construção da soberania popular e alimentar. (CARVALHO; COSTA, 2012, p. 30)

Por outro lado, a tecnologia que a educação do campo propõe é uma opção que respeita os limites da natureza, desenvolvendo uma agricultura com equipamentos e recursos adequados para o tipo de ambiente que será trabalhado e fundamentado nos conhecimentos daqueles que sabem o tipo de solo e de clima que estão trabalhando, sabem definir o melhor tipo de plantio e entendem que a melhor estratégia é uma agricultura mais diversificada, como aquela desenvolvida pelos/as camponeses/as.

A educação do campo vem se contrapor com a ideia de que o conhecimento popular não tem relevância ou é ultrapassado para os dias atuais. Essas afirmações “têm sido usadas para justificar um desprezo chauvinista e sexista, apoiado em uma visão classista da sociedade, pelos conhecimentos dos povos, mulheres e trabalhadores de todos os países de terceiro mundo” (LEVINS, LEWONTIN, 2022,

p. 411). Não existe saber pior ou melhor, o que existe são conhecimentos diversos em diferentes contextos. Essas ideias são fortemente implantadas na sociedade pelos grandes produtores, que tentam manipular a comunidade camponesa e a



população em geral através de propagandas enganosas que “vendem o progresso” da tecnologia, a “modernidade” do campo, como algo inovador e revolucionário para a agricultura, mas ocultam a verdadeira finalidade desses pacotes tecnológicos, ou seja, visam introduzir um sistema de trabalho no campo, que extraem o máximo de lucros com a plantação de monocultura em larga escala, com o uso de transgênicos e agrotóxicos nocivos a qualquer vida, mais a exploração dos trabalhadores, que tem seu trabalho alienado (uma mercadoria).

Os donos dos negócios da agricultura têm feito um trabalho ideológico ostensivo para que todos acreditem – inclusive as famílias camponesas e os sujeitos coletivos da Educação do Campo – que a “evolução” da agricultura camponesa depende de sua inserção na lógica do negócio. Quando dizem “o agro é tudo” ou “somos todos agro” tentam que se creia que “tudo é agronegócio”. E que as tecnologias próprias da forma industrial capitalista, seja a dos venenos e transgênicos ou já a dos orgânicos, produzidos na mesma lógica industrial, são toda agricultura. (CALDART, 2021, p. 358)

## Conclusões

Os caminhos percorridos pela educação do campo trazem a concepção de uma cultura educacional que trabalhe com a emancipação humana, o processo de uma formação conscientizadora e política de mulheres e homens do campo e a desconstrução de mecanismo ideológicos do capitalismo que dissemina o agronegócio como de suma importância para o funcionamento do setor agrícola, entendendo que o avanço do capitalismo no campo provoca a devastação do solo. Ademais, é preciso compreender que o trabalho para as/os camponesas/es tem significado social de reprodução e manutenção da família, o que se distingue do conceito de trabalho no universo do capital.

A educação do campo propõe um sistema educacional que permita desenvolver a criticidade, a reflexão, a autonomia, a problematização e o debate de questões políticas que fazem parte do contexto social que a comunidade camponesa vivência como a prática da agroecologia, a desconstrução de preconceitos com o saber local, combatendo a desinformação gerada pelo modo de produção agrícola capitalista. É partindo da realidade do meio em que se vive que a educação do campo compreende os caminhos que serão galgados para a libertação dos povos camponeses do projeto do capital, onde mulheres e homens passam de objetos a sujeitos autores de suas próprias histórias.

## Referências bibliográficas

CARVALHO, Horacio Martins de; COSTA, Francisco Diassis. Agricultura Camponesa. *In*: CALDART, Roseli Salete, et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, p. 30, 2012.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo e Agroecologia. *In*: DIAS, Alexandre Pessoa... et al. **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1. ed. São Paulo:



Expressão Popular. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021.

CHRISTÓFFOLI, Pedro Ivan. O Surgimento da reivindicação política por uma Educação do Campo - construção de unidade e luta entre movimentos sociais, pesquisadores, educadores e setor público. *In:* MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa:** questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, p. 98, 2006.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. Campo da Educação do Campo. *In:* MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire S. A. (Org.). **Por uma Educação do Campo.** Brasília: Coordenação da Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, p. 36-37, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, p. 44, 2002.

GUHUR, Dominique; SILVA, Nívia Regina da. Agroecologia. *In:* DIAS, Alexandre Pessoa... et al. **Dicionário de Agroecologia e Educação.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, p. 60, 2021.

LEITE, Sergio Pereira; MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Agronegócio. *In:* CALDART, Roseli Salete, et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, p. 81, 2012.

LEVINS, Richard; LEWONTIN, Richard. **Dialética da Biologia:** ensaios sobre ecologia, agricultura e saúde. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, p. 411, 2022.

SEMERARO, Giovanni. **Saber fazer filosofia:** o pensamento moderno. 1. ed. Aparecida, São Paulo: Idéias & letras, p. 119, 2011.